

Jovens Universitários Cariocas e o *Jornal Nacional*

Isabel Travancas

BRASIL COM TV

A televisão surgiu no Brasil na década de 1950, e o primeiro canal a ir ao ar foi a TV Tupi, pertencente aos Diários Associados, do empresário Assis Chateaubriand. A TV Tupi começou a funcionar em São Paulo, em 1951, e, em seguida, no Rio de Janeiro. Mas foi na década de 1960 que se consolidou a presença da televisão na sociedade brasileira com a entrada de capital estrangeiro nos meios de comunicação, particularmente o grupo Time/Life, que se associou às empresas Globo e criou a TV Globo, inaugurada em 1965 no Rio de Janeiro com o canal 4. Foi a partir de 1969, quando a Embratel (Empresa Brasileira de Telecomunicações) implantou uma moderna infra-estrutura de comunicações, que se pôde falar em rede de televisão com difusão em todo o país. Naquele momento, o Brasil vivia sob o domínio de uma ditadura militar que permaneceu no poder até 1985. Nesse período de autoritarismo a Rede Globo de Televisão teve um papel de destaque no projeto de integração nacional, atuando muitas vezes como aliada do governo e estabelecendo com ele uma relação de lealdade.

Foi dentro desse contexto político que nasceu o *Jornal Nacional* em 1º de setembro de 1969, ligando, na fase inicial, poucas cidades, mas tendo como objetivo integrar todo o país por meio da informação. O jornal está no ar desde então, sem interrupções, e é apresentado no chamado “horário nobre” (de maior audiência), entre duas novelas, cujo sucesso no Brasil é enorme.

Segundo dados do Ibope (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística), em pesquisas realizadas no período de janeiro a junho de 2004, em um universo de 51.855.715 lares em todo o país, numa amostra denominada PNT (Painel Nacional de Televisão), 42% dos domicílios estavam sintonizados no *Jornal Nacional* às 20 horas. Isso equivale a mais de 20 milhões de residências. Portanto, é possível afirmar que os 43 pontos no Ibope significam cerca de 35 milhões de espectadores e mais de 60% dos televisores ligados na TV Globo no horário do jornal.

Hoje a Rede Globo é a quinta maior televisão do mundo, com cinco emissoras próprias e 112 afiliadas, e é o único veículo de comunicação presente em todo o território nacional. Ela está nos 27 estados e em 98% dos 5.560 municípios brasileiros.

Inspirado nos modelos norte-americanos, o *JN* buscou criar uma linguagem jornalística própria, distinta da radiofônica, apostando na agilidade e na rapidez das notícias curtas. O forte do telejornal desde o começo foi o padrão de qualidade das imagens e reportagens produzidas. Ao longo de seus 35 anos, ele consolidou um estilo de redação e apresentação de notícias, tornando-se uma referência para o telejornalismo. Seu horário permanece como o espaço de programação de maior prestígio no mercado publicitário, concentrando 57% de toda a publicidade televisiva. O *Jornal Nacional* sofreu mudanças, foi e ainda é muito criticado, imitado, mas continua sendo um campeão de audiência no país e a principal fonte de informação de uma grande parcela da população brasileira, a qual era estimada em 180 milhões de pessoas em 2004.

É inegável a importância da comunicação de massa e da indústria cultural, assim denominada por T. Adorno e M. Horkheimer¹ para a compreensão das sociedades complexas. É conhecido e enfatizado o peso da televisão na sociedade brasileira, com seu baixo nível de escolaridade e de leitura, ao lado do fato de o veículo estar inserido em um sistema de exploração econômica do qual fazem parte as grandes empresas de mídia, os grandes conglomerados financeiros e os grandes anunciantes. Este conjunto de interesses atua na base da televisão e é fundamental para entender a força política desse veículo.

Entretanto, a televisão não tem sido um tema privilegiado pelas ciências sociais. Só recentemente têm surgido no Brasil trabalhos que reflitam de forma mais sistemática sobre os meios de comunicação em geral e sobre a televisão em particular. Concordo com Jesús Martin-Barbero quando afirma “que os intelectuais e as ciências sociais na América Latina continuam majoritariamente padecendo de um ‘mau-olhado’, que os faz insensíveis aos desafios culturais que a mídia coloca, insensibilidade intensificada diante da televisão”.² A seu ver, a televisão é menos um instrumento de ócio e de diversão do que formadora de imaginários coletivos a partir dos quais as pessoas se identificam e se reconhecem. Penso que ela não pode ser entendida somente na perspectiva de domínio ou impacto, mas principalmente a partir do seu *papel* na vida cotidiana de seu público.

Roger Silverstone, ao analisar a dimensão da televisão na vida cotidiana, comenta que ela nos acompanha desde a hora em que acordamos até quando vamos dormir. A TV hoje é vista como “natural”, mas tivemos de nos habituar a ela, de incorporá-la à nossa vida. Fazendo alusão a A. Schutz,³ ele afirma que “nossa experiência de televisão é como nossa experiência do mundo: não esperamos nem imaginamos que pudesse ser significativamente diferente”.⁴ E ainda que alguns a definam como um mero eletrodoméstico, Silverstone registra,

em sentido metafórico, que a televisão se tornou um membro da família nas sociedades complexas modernas.

JUVENTUDES

Pensar em juventude significa pensar em pluralidade e movimento. Hermano Vianna, na Introdução de *Galerias Cariocas*,⁵ chama a atenção para a dificuldade de definição do jovem contemporâneo, ao mesmo tempo em que ele é foco de muitas preocupações. A juventude se tornou uma categoria privilegiada na cultura de massa das sociedades capitalistas e aparece como um conceito mais amplo do que simplesmente uma faixa etária. É uma identidade social comunicada e reconhecida por meio da indústria cultural.

O jovem está inevitavelmente ligado ao futuro, às mudanças, à realização ou não de expectativas. E mais particularmente quando estes jovens estão nas universidades. São estudantes. Ainda não ingressaram completamente no mundo “adulto”, no mundo do trabalho, mas já abandonaram a escola secundária, fizeram escolhas de carreiras e muitos deixaram suas famílias e cidades para estudar em um grande centro.

Hoje são muitas as pesquisas sobre juventude na área de ciências sociais. Basta citar as realizadas por Almeida e Tracy (2003), Margulis (2000), Caiafa (1989), Vianna (1988; 2000), Alvim e Gouveia (2000), Abramo (1993) e Pais (1993), além dos textos já clássicos de Bourdieu (1983), Morin (1997) e Levi e Schmitt (1996).

Decidi investigar o universo juvenil porque, sendo professora universitária, me perguntava qual seria a relação de meus alunos e de outros jovens com a televisão e com a informação. Partindo dessa idéia, escolhi delimitar minha pesquisa nos jovens universitários de quatro carreiras distintas.

Em uma pesquisa de recepção é fundamental a ida do pesquisador à casa ou ao local onde o entrevistado assiste ao noticiário. Mas trata-se de uma “invasão de intimidade”, ainda que consentida pelo entrevistado. E como chegar a estes entrevistados, como selecioná-los?

Pensando nestes percalços, que nos ajudam a entender as características desse tipo de etnografia, decidi elaborar um questionário simples, com algumas perguntas fechadas e duas abertas, para ser preenchido em horário de aula nas respectivas universidades. A primeira parte dele contém dados como idade, curso, faculdade, período do curso, sexo e bairro onde mora o entrevistado, ao passo que a segunda está mais relacionada à pesquisa, incluindo perguntas sobre televisão, programas a que o entrevistado assiste, se vê o *Jornal Nacional* e com que frequência, se gosta ou não e, por último, se gostaria de participar da pesquisa. Em caso afirmativo,

são solicitadas formas de contato, como telefone e/ou e-mail. A partir da resposta positiva eu entraria em contato.

Grande foi a minha surpresa ao receber os questionários de turmas com 60, 70 alunos em que apenas três ou quatro alunos se mostraram interessados em participar. Com isso, fui obrigada a ampliar o meu leque de faculdades e turmas, totalizando 264 questionários. Assim obtive 43 respostas positivas. Desses estudantes, quinze desistiram, não puderam ou desmarcaram e doze não retornaram e-mails e telefonemas. Meu grupo final se constituiu de 16 estudantes.

Desses 16 jovens que estudam no Rio, nem todos são cariocas. E eles residem em treze bairros distintos: seis estudantes vivem na Zona Sul (região na orla marítima com bairros de classe média e média alta), seis na Zona Norte (região mais distante da praia com bairros de classe média e média baixa) e quatro na Zona Oeste (região da periferia da cidade, com bairros mais pobres). Cinco são alunos do curso de Serviço Social, cinco de Comunicação Social, três de Pedagogia e três de Medicina. Comunicação Social e Medicina foram escolhidas por estarem entre as carreiras mais disputadas e com uma relação candidato-vaga muito alta, implicando uma enorme concorrência para obtenção de uma vaga em uma universidade pública. Além disso, elas possibilitaram pensar que lidaria com uma elite universitária e me interessou indagar qual a sua relação com a informação e através de quais veículos ela era obtida. Serviço Social e Pedagogia, ao contrário, são cursos de menos prestígio e reúnem muitas vezes alunos oriundos de pré-vestibulares para negros e carentes e jovens que não conseguiram entrar nos cursos que desejavam.

Vale a pena olhar mais de perto o perfil do grupo, uma vez que ele é bastante heterogêneo em muitos aspectos. Poderia dizer que o grupo está apenas ancorado nas duas perspectivas da pesquisa: juventude universitária. Pertencem a estratos sociais distintos, têm vivências familiar e cultural diversas, possuem situação financeira discrepante, sem falar em opinião política e opção religiosa variadas. Os seus próprios projetos pessoais e profissionais são muito diversos. Aqui lanço mão da noção de projeto utilizada por Gilberto Velho (1987), para quem não é possível pensar em projeto “puro”, sem referências ao social. A seu ver, “os projetos são elaborados e construídos em função de experiências socioculturais, de um código, de vivências e interações interpretadas”,⁶ o que ficou evidente na escuta dos entrevistados. Para vários deles há um projeto profissional que é anterior à entrada na universidade, particularmente no caso dos estudantes de Medicina e Comunicação Social. Para os estudantes de Serviço Social e Pedagogia, em sua maioria, a entrada na universidade é o “projeto”, e a carreira profissional é consequência e não fruto de uma escolha. Para muitos estudantes desses dois cursos, não há uma tradição universitária em suas

famílias. Vários são oriundos de famílias de camadas populares nas quais os pais só completaram o ensino fundamental ou o médio.

Dos cinco estudantes homens, três seguem o curso de Medicina, um de Comunicação Social e um de Serviço Social. Nos dois últimos cursos eles são exceção, pois o número de mulheres é muito maior. Dos que pretendem se tornar médicos, dois cursam faculdades particulares (Gama Filho em Piedade) – um residindo na Barra da Tijuca e outro em Piedade (Zona Norte do Rio) – e o terceiro cursa uma universidade pública (UFRJ/*campus* Fundão) e reside em Laranjeiras (Zona Sul da cidade). Os dois que seguem carreiras de humanas moram respectivamente na Zona Norte do Rio, nos bairros da Tijuca e Irajá. O aluno do curso de Comunicação estuda em uma faculdade privada (Estácio de Sá/*campus* Rebouças) e o de Serviço Social, residente em Irajá, cursa uma universidade pública (UFRJ/*campus* Praia Vermelha). No caso de Medicina, para aqueles que não conseguiram uma vaga em uma faculdade pública, cursar uma particular exige um alto poder aquisitivo para seguir a vocação.

Para o estudante de Comunicação a questão do poder aquisitivo não se coloca porque a faculdade que cursa não é tão cara quanto a de Medicina e lhe permitiu entrar na universidade. Ele não chegou a tentar o vestibular para uma universidade pública por considerar suas chances muito reduzidas. Só estudou em colégios públicos e não acreditava que tinha uma formação que viabilizasse isso. O estudante de Serviço Social estuda em uma universidade pública mais por escolha da universidade do que da carreira, uma vez que não passou para o curso de Veterinária – por ter uma relação candidato-vaga muito alta. Mas percebeu que, com a sua pontuação, poderia seguir outra carreira. E foi o que aconteceu.

Em relação às mulheres há muitas diferenças. Entre elas nenhuma cursa Medicina. As onze fazem cursos da área de Humanas. Das estudantes de Serviço Social três são de fora do Rio, sendo que duas moram no alojamento estudantil do Fundão e dividem o mesmo quarto. Outra do mesmo curso é também de fora do Rio e mora em um pensionato em Botafogo, e a quarta mora na Penha com os pais. Todas são alunas da UFRJ e têm diferenças de estrato social entre si. As residentes no Fundão são oriundas de camadas mais populares, recebem bolsa e tiveram a chance de seguir o curso viabilizada por residirem no alojamento. A aluna que mora em um pensionato queria muito sair de sua cidade no interior de Minas Gerais e os pais acabaram aceitando sua escolha e a sustentam financeiramente. A que mora em Irajá é uma aluna de camadas médias, cujo sonho era fazer o curso de Psicologia, mas não conseguiu passar no vestibular. O que há em comum entre elas é o fato de nenhuma delas ter escolhido seguir a profissão de Serviço Social, carreira que surgiu como uma alternativa para ingressar na vida universitária.

As três estudantes de Pedagogia estudam na mesma universidade particular (PUC/Gávea). As duas primeiras são oriundas de pré-vestibulares para negros e carentes, são bolsistas e residem na Cidade de Deus. Para as duas, entrar na universidade significou uma vitória, e elas se tornaram exceção em suas famílias. A terceira mora no Leblon, Zona Sul do Rio, estudou em colégios particulares, já viajou para o exterior, pertence às camadas médias altas e escolheu cursar Pedagogia. Sabe que seu curso não é valorizado na universidade por causa da facilidade de entrada. Há uma grande quantidade de alunos que fizeram pré-vestibulares para negros e carentes que não conseguiram ingressar em outros cursos.

As quatro alunas de Comunicação Social se dividem em duas universidades. Duas freqüentam faculdades particulares (Estácio de Sá/*campus* Rebouças) e duas públicas (UFRJ/*campus* Praia Vermelha). Cursar Comunicação em faculdades privadas permitiu as estas duas jovens – uma de Copacabana e outra do Engenho Novo – ingressar na universidade e seguir o curso que queriam. A que reside em Copacabana é de camadas médias altas, mora com os pais e estuda à noite para durante o dia poder trabalhar. Começou a trabalhar como vendedora recentemente. A aluna do Engenho Novo é de camadas médias e mora com os pais. Não trabalha nem faz estágio. As duas estudantes da universidade pública residem respectivamente em Bangu, Zona Oeste, e na Tijuca, Zona Norte; moram com os pais em casa própria e pertencem às camadas médias. Estudaram em colégios particulares de seus bairros, são estudiosas e sempre sonharam ser jornalistas.

Este universo que pesquisei – estudantes universitários cariocas – tem idade em torno de 20 anos. Entre os 16 entrevistados, apenas dois têm mais de 25 anos. A entrada da televisão na vida social é algo do qual não vão se lembrar, uma vez que a televisão começou a funcionar no Brasil na década de 1960. Portanto, todos nasceram depois da televisão. Este dado me pareceu importante, porque ajuda a entender a relação de extrema familiaridade destes indivíduos com o veículo. Este pode ser um interessante ponto de partida para pensar a “naturalização” do próprio meio.

OS FILHOS DA TELEVISÃO

Para os jovens entrevistados parece estranho pensar em uma vida sem televisão. Ela é parte da rotina, da casa, da vida. Ela é, sem dúvida alguma, mediadora da realidade. A realidade também é entendida, compreendida e absorvida através da sua mensagem. Não creio que a televisão seja uma manipuladora da realidade, como afirmam alguns jovens. Ela é uma fonte de informação e, para muitos, de conhecimento. Uma fonte, não a única, nem para todos a mais importante. Mas sem dúvida é uma referência.

Acredito que essa percepção da televisão como parte da vida social ajuda a entender o fato de a maioria destes jovens destacar que via muita televisão, que adorava televisão, quando menores ou crianças. Eles ficavam horas diante da telinha, o que não acontece mais hoje em dia, para muitos por falta de tempo, para outros por decisão pessoal e para alguns por certo “desencantamento com o mundo televisivo”, especialmente o jornalístico. Vários jovens acreditam que a televisão continua sendo fonte de prazer, diversão e relaxamento. Dentro dessa perspectiva está enquadrado também o *Jornal Nacional*. Não é apenas a novela que é classificada como entretenimento ou forma de relaxamento da rotina estressante do dia-a-dia. Mas como um jornal que muitos afirmam só mostrar notícias ruins, com muitas matérias sobre guerra e violência, pode ser um produto relaxante? Acho que há algo presente no veículo, na empresa Rede Globo e no próprio *Jornal Nacional* que sugere a permanência, para a manutenção de um certo *status quo* que tranqüiliza quem o assiste. Ele estabelece e reafirma uma barreira. O que está na telinha é o mundo, em chamas, não é o “meu” mundo. Quando desligo o canal, me desligo de tudo aquilo que ele mostrou e respiro aliviado porque aquele é “outro” mundo.

Por outro lado, para Silverstone⁷ os noticiários constituem um ciclo muito bem equilibrado na produção de angústia e calma. O autor ressalta que não é apenas o conteúdo dos jornais que tranqüiliza, mas o seu formato. A maneira como são ordenadas as notícias, os sorrisos dos apresentadores e a última matéria, de “interesse humano”, presente em todos os telejornais do mundo, busca dar segurança ao telespectador. Isto porque a televisão funciona como ordenadora da vida social, das rotinas familiares.

Os jornais fazem uma construção da realidade. Suas editoriais e suas reportagens, a partir de um critério de seleção, trazem o “mundo” para suas páginas, rádios ou telas. Esse mundo passa a ser classificado por meio da lógica jornalística. Barbero (2001) acredita que a “missão do jornalismo seria a de organizar o real, impor uma ordem ao caos (...)”.⁸ Por isso faz tanto sentido que muito se critique nos telejornais – e neste caso no *Jornal Nacional* – a presença de matérias dramáticas, violentas e trágicas. Esta seleção, no entanto, é feita pelos jornalistas a partir de regras da redação baseadas em uma idéia de consenso público, expressão aqui entendida não só como princípio organizador da notícia, mas também como elemento que expressa a aceitação de uma mesma cultura e de uma mesma visão dos fatos. Assim, mesmo as notícias negativas ou desagradáveis são assimiladas por muitos telespectadores dentro de um critério classificatório do país e do mundo. E até eventos dramáticos podem ser melhor absorvidos se assimilados dentro de uma lógica própria. Mas nem todos pensam

desta forma. Não é à toa que a entrevistada I. Z. comentava que detestava o *JN* quando era pequena porque ele lhe dava medo e a fazia ter pesadelos.

Um outro aspecto presente em alguns trabalhos sobre televisão (Alves, 1981) e que as entrevistas confirmam é a noção do veículo como uma espécie de “relógio social” que organiza as rotinas, destaca os rituais e enfatiza os papéis da vida familiar. São inúmeros os depoimentos que expressam uma organização da vida cotidiana a partir dos programas. Se a pessoa chega tarde, “na hora do Jornal Nacional”, se tem tempo livre à noite, “vejo a novela das oito”, “meu pai ia para o trabalho depois do Jornal Nacional”. É como se os programas já significassem a hora; como se ela estivesse implícita e fosse desnecessário dizê-la. No caso do *Jornal Nacional*, é interessante destacar que para a maioria dos entrevistados ele marca a hora da chegada em casa.

Alguns elementos me ajudaram a pensar sobre esse universo e suas características. As suas distinções se dão inicialmente segundo um pertencimento à juventude. A recepção mais fluida, menos fixa, muitas vezes sem a necessidade de ficar sentado em frente ao aparelho de televisão, é uma marca da maneira de assistir à TV dos 16 jovens. Com algumas exceções – particularmente dos dois estudantes mais velhos, que se dedicam com mais atenção a ver o *JN* de forma mais intensa, sem interrupções, ou pelo menos interrupções voluntárias –, quase todos os outros vêm o telejornal realizando outras atividades e, muitas vezes, apenas ouvindo o jornal e só se aproximando da televisão quando a matéria interessa. Fico lembrando das afirmações dos manuais de telejornalismo que garantem que “uma imagem vale mais que mil palavras”, quando o que pude perceber é que nem sempre a imagem vem na frente. Há uma recepção da TV idêntica à do rádio: os telespectadores ouvem a televisão e em momentos especiais vão vê-la. Nenhum dos meus entrevistados afirmou fazer o contrário, ver sem o som. Até porque a escuta é possível de ser conciliada com outras tarefas.

Quando assistiram ao jornal junto comigo, alguns jovens chegaram a descobrir novidades em relação ao próprio programa. Uns elogiaram algumas matérias, afirmando que aquela reportagem era interessante e que em circunstâncias “normais” não a veriam, ao passo que outros, ao se verem sentados diante da televisão, se permitiram analisar criticamente cada elemento do jornal, do visual ao texto, das falas às imagens, chamando a atenção para o sentido da própria organização do jornal, o que na maioria das vezes passava despercebido para eles.

Como ficou evidente pelas entrevistas, televisão é um assunto que estes jovens dominam. Eles têm posição definida sobre ela, conhecem os programas e os canais e têm um repertório grande de programas prediletos dentro dos mais variados

gêneros: do jornalístico ao ficcional, passando por filmes, desenhos animados ou programas esportivos. Esse tema lhes diz respeito, ninguém estranhou minha pesquisa e nenhum estudante declarou que não via televisão ou não tinha programas prediletos. E pude perceber também suas visões do próprio veículo.

SER UNIVERSITÁRIO

Gostaria de abordar aqui o significado da entrada dos jovens na universidade. Este é um dos eixos centrais desta pesquisa e foi sendo construído a partir dos discursos dos entrevistados. Para grande parte deste grupo, a vida se divide em antes e depois da entrada na universidade. A entrada na universidade, mais do que um rito de passagem, uma mudança de situação social e cultural, implica para muitos uma transformação na sua visão de mundo e no seu estilo de vida.

Muitos estudantes universitários destacam que a entrada na universidade transformou não apenas a sua maneira de ver o mundo, mas também a sua maneira de ver televisão e de ver o próprio *Jornal Nacional*. Sentiam-se menos inocentes, menos ingênuos e muito mais críticos em relação às matérias veiculadas. O depoimento de N., aluna do curso de Serviço Social, ilustra bem essa idéia:

Me dá a impressão de que, antes de eu fazer Serviço Social, não sabia da verdade. E o que é pior, fiquei triste (...) E em relação ao *Jornal Nacional*, depois que você começa a estudar, você vê que eles escondem as coisas. E se você não estuda, não vai saber. Se você vê o *JN* a vida inteira, vai achar que o mundo é belo.

Esse depoimento é muito rico, a meu ver, por diferentes aspectos. De um lado, indica esta nova visão do noticiário depois da entrada na universidade e dá a essa entrada um *status*, um valor simbólico muito grande. Há uma visão de que a imprensa esconde a realidade e é preciso estudar, ser universitário, para desvendá-la

Essa mudança ocorre de forma mais intensa entre os alunos de Serviço Social e de Pedagogia, em menor intensidade com os estudantes de Comunicação Social, sendo ainda menos presente entre os futuros médicos. Isso porque uma parte dos alunos de Serviço Social e Pedagogia entrevistados estudaram em pré-vestibulares para negros e carentes da própria universidade ou de comunidades pobres, e a maioria deles faz parte de famílias de baixa renda, com pouca escolaridade, e seus pais muitas vezes não completaram o primeiro segmento do ensino fundamental. Esses jovens são, portanto, os primeiros indivíduos de suas respectivas famílias – num sentido mais amplo, incluindo aí tios, avós e primos – a entrar na universidade, e isso tem um grande significado social para eles. Para muitas famílias a universidade é um mundo distante, destinado às camadas mais privilegiadas, ao qual eles não têm acesso e, em

muitos casos, nem “deveriam” querer ter. É o caso de D., aluna de Pedagogia, filha de pai porteiro e mãe lavadeira, que afirma que, embora sua mãe sempre “pegasse no seu pé” em relação ao estudo, cobrando bastante, achava que a “universidade não era para filho de pobre”.

E a sua entrada na faculdade não foi sem dificuldades. Era um ambiente novo, um mundo muito diferente, e o perfil dos alunos da universidade na qual estuda – particular, de elite e da Zona Sul do Rio de Janeiro – contrastava demais com a sua realidade social. A diferença financeira é grande e indica preocupações distintas. Segundo seu depoimento, as colegas tinham uma grande preocupação com estética e, para o seu padrão, tinham gastos elevados com produtos relativos a ela. Da sua parte, ela tinha uma filha pequena e vivia com um orçamento apertado, vendendo cosméticos para aumentar a renda e constantemente preocupada para que não faltasse leite para sua filha. Ao lado disso a dificuldade financeira também atrapalhava na aquisição de livros e fotocópias. Seu depoimento destaca o papel de vários professores que não só davam as cópias dos textos para os alunos oriundos dos pré-vestibulares para carentes como procuravam ajudá-los na leitura. E ela também tinha pouca familiaridade com aquele tipo de leitura. A relação com a leitura de forma mais intensiva parece ter começado na universidade. D. comenta que desde que faz o curso passou a ler mais, inclusive para sua filha, para quem conta toda noite uma história.

Outra estudante de Pedagogia afirma que também gosta muito de ler, principalmente contos e livros da universidade. Procura comprar livros e conta que foi à última Bienal do Livro. É importante destacar que L. tem mais de 30 anos, diferentemente do restante dos entrevistados, que está na faixa dos 20 anos. Ela acha que a leitura é importante e é uma das formas de entrar no mundo universitário, uma entrada muito sofrida para quem tem o seu perfil, de estudante de área carente. Quando perguntada sobre como está agora na faculdade, como se sente no sexto período, L. comenta:

Ah! Agora tá muito bom. Se bem que de vez em quando a gente se pega numa crise assim: “ah, o que que eu tô fazendo aqui? Esse mundo não é meu!”. Essa universidade é uma paulada porque a gente chega lá, você de área carente, vem através de um curso, você é bolsista, então tem uma série de coisas assim que não estão explícitas, tão implícitas.

E se a entrada foi sofrida para muitos, ela também descortinou novas práticas culturais. A leitura e o livro são um exemplo. Muitos estudantes chamam atenção para essa mudança de hábito. Muitos deles quase não liam, não tinham esse hábito. Não é o caso dos estudantes de Comunicação que, em geral, já gostavam de

ler desde jornais e revistas até romances e livros policiais. E o contrário também se dá, principalmente no universo dos estudantes de Medicina, que afirmam que não lêem quase nada, além dos livros obrigatórios e curriculares. O estudante D. diz que não gosta de ler, nunca gostou. Não lê jornal, ainda que seus pais tenham assinatura. Se interessa por esporte e procura se informar através da internet. Sua vida cultural parece restrita à região geográfica onde mora: Barra da Tijuca. Ele costuma sair com os amigos e a namorada para ir ao cinema ou aos bares do bairro, ou se reúne em casa para ouvir música ou mesmo para tocar, porque faz parte de uma banda.

Cinema é um hábito e um prazer principalmente para os estudantes de camadas médias e residentes da Zona Sul, onde há maior concentração de salas de exibição e variedade de filmes. M., estudante de Comunicação, adora cinema. Sempre gostou, mas acha que depois que ingressou na faculdade passou a se interessar mais e até a ver mais. Comenta sobre sessões mais baratas para estudante no Cinema Odeon, no Centro do Rio. E costuma ver os filmes que os professores comentam em sala de aula, em disciplinas de cinema ou não.

Os estudantes que residem em bairros mais afastados do Centro ou da Zona Sul da cidade se queixam da ausência de salas e da dificuldade para ver os filmes em cartaz. D., estudante de Pedagogia, lembra que desde pequena via peças na igreja que freqüentava, ou mesmo ao ar livre. Mas ao cinema ia pouco e agora vai menos. Procura ir ao teatro aproveitando a promoção da Prefeitura da Cidade, que no primeiro domingo do mês coloca todos os ingressos de seus teatros a R\$1,00. Fala também dos centros culturais que costuma visitar aos domingos e de como os professores estimulam os alunos a visitá-los.

Mas sem dúvida é a música o principal ponto de contato entre todos os jovens, se pensarmos em consumo cultural. Todos gostam muito de música, ouvem diariamente rádio, CD ou fita cassete em casa, o que me lembra o artigo de A. Wortman sobre consumos culturais e identidades juvenis na Argentina. Em sua pesquisa, percebeu o quanto a música está associada à vida cotidiana, ao mesmo tempo em que notou diferenças de gosto em virtude do nível cultural:

O que podemos apreciar é que os jovens de famílias de nível cultural mais elevado, e com acesso ao nível universitário, se relacionam com a música a partir das facilidades espaciais e técnicas que oferece um conglomerado tecnológico como é o Musimundo em seus espaços de venda discográfica.⁹

E isso se confirma entre meus entrevistados. Muitos dizem que gostam de MPB em todas as suas nuances, de axé music a samba, pagode e forró. Outros jovens de camadas médias e altas não gostam de funk, apreciam jazz, música eletrônica e música de nacionalidades diversas da brasileira ou da norte-americana, que domina

o mercado fonográfico. Procuram descobri-las através da internet, baixando-as e gravando seus CDs, que são um objeto de ampla circulação e troca.

Estudar a relação dos jovens com a televisão implicou observar como eles vêem a “telinha”, como se posicionam diante dela, até mesmo em termos físicos. A maneira como a encaram e a assistem e o fato de serem uma audiência fluida e dispersa em muitos momentos diz muito desta relação. E também muito sobre a juventude, que está sempre em movimento, em busca do novo, tentando, como característica desta fase tão intensa, “fazer tudo ao mesmo tempo agora”, como um entrevistado me dizia, citando música da banda Titãs.

No início deste trabalho me perguntava se os jovens viam o *Jornal Nacional* e o que eu faria se durante a pesquisa descobrisse que não. Mas aos poucos, não só fui confirmando o quanto o *JN* é uma referência também para eles, como ele é fonte de sentimentos os mais variados, que vão do amor ao ódio, jamais de indiferença. Os meus entrevistados têm uma relação particular com o programa. Alguns comentaram a raiva que sentiam, o quanto gostavam dos apresentadores e elogiavam as matérias ditas positivas. E para “ver melhor”, televisão a entrada na universidade foi para eles fundamental, porque para muitos estudantes ela pôde modificar a sua visão de mundo e do próprio telejornal.

Entender o que significa ser universitário para estes jovens foi se tornando elemento importante na pesquisa. Sabendo que juventude é uma categoria social e, como tal, variável, ficou evidente o quanto, para este grupo, ser universitário está associado à idéia de transitoriedade, uma etapa de transição. Ela implica a passagem de uma condição social mais dependente para o ingresso na vida adulta. Ficou bastante evidente que, ainda que o *Jornal Nacional* seja uma referência para os entrevistados, sua importância foi muito relativizada em seus discursos. Seja pelos que se mostraram críticos em relação ao seu formato e ao seu conteúdo, seja pelos que valorizaram seu conteúdo. Para todos o *JN* é uma fonte de informação, mas não a única, nem a mais importante. Ela está sendo cotejada com várias outras, com suas vivências, com informações vindas de outros veículos, da própria universidade e de suas redes de relações pessoais e de parentesco.

Portanto, a maneira como lidam, vivenciam e se relacionam com a televisão e, especificamente, com o *Jornal Nacional*, tem estreita relação com as suas identidades como jovens estudantes universitários. Ficou nítido que o *JN*, como parte de um sistema mais amplo de comunicação, pode afetar e influenciar o conjunto de informações e conhecimentos que estes jovens adquirem, assim como seus projetos pessoais. A própria leitura que estes jovens fazem do telejornal sugere esta oposição: totalização e fragmentação. O mundo moderno aparece na televisão como uma

bricolagem, uma soma de pequenos pedaços, e o jornal surge para dar ordem ao caos. Não é à toa que alguns comentavam que, embora o jornal mostrasse muitas tragédias e notícias negativas, assistir a ele lhes dava uma sensação de tranquilidade.

Mas os meios de comunicação de massa, e o telejornal aqui enfocado em particular, não são produtos exclusivos da sociedade brasileira. Eles são uma valiosa porta de entrada para compreendermos os fenômenos sociais produzidos por seus “nativos”. Debra Spitulnik chama a atenção para o fato de ainda não ser possível falarmos em uma “antropologia dos meios de comunicação de massa”.¹⁰ Para ela, há inúmeras maneiras de se abordarem antropologicamente os meios de comunicação: como instituições, como lugares de trabalho, como práticas comunicativas, como produtos culturais, como atividades sociais, como formas estéticas e como desenvolvimentos históricos.

ISABEL TRAVANCAS é mestre em Antropologia Social pelo Museu Nacional-UFRJ e doutora em Literatura Comparada pela UERJ.

NOTAS

- 1 Adorno e Horkheimer, 1985, p. 113-156.
- 2 Martin-Barbero, 2001, p. 25.
- 3 Schutz, 1973, p. 229.
- 4 Silverstone, 1996, p. 20. Tradução minha.
- 5 Vianna, 1997, p. 7-16.
- 6 Velho, 1987.
- 7 Silverstone, 1996, p. 38.
- 8 Martin-Barbero, 2001, p. 103.
- 9 Wortman, 2003, p. 104. Tradução minha.
- 10 Spitulnik, 1993, p. 293-314.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, H. *Cenas juvenis*. São Paulo: Scritta, 1993.
- ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ALMEIDA, M. I. M.; TRACY, K. *Noites nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- ALVE, Y. M. A quem devemos servir: impressões sobre a “novela das oito”. *Textos para discussão do Mestrado em Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, Depto Ciências Sociais-IFCS-UFRJ, n.11/87,. Mimeo,31 p.
- ALVIM, R.; GOUVEIA, P. (org.). *Juventude anos 90*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.
- BOURDIEU, P. A juventude é apenas uma palavra? In: _____. *Questões de sociologia*. São Paulo: Marco Zero, 1983.
- CAIAFA, J. *Movimento punk na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- LEVI, G.; SCHMITT, J. C. *História dos jovens*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MARGULIS, M. *La juventud es más que una palabra*. Buenos Aires: Biblos, 2000.
- MARTIN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.
- _____; REY, G. *Os exercícios de ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. São Paulo: Senac, 2001.
- MORIN, E. *Cultura de massas no século XX*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1997.
- OROZCO, G. *Televisión, audiencias y educación*. Bogotá: Norma, 2001.
- PAIS, J. M. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.
- SCHUTZ, A. *Collected Papers*. Haia: Martinus Nijhoff, 1973.
- SILVERSTONE, R. *Televisión y vida cotidiana*. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.
- SPITULNIK, D. Anthropology and mass media. *Annual Review of Anthropology*, n. 22, p. 293-314, 1993.
- VELHO, G. *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- VIANNA, H. *O mundo funk carioca*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- _____. (org.). *Galerias cariocas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- WORTMAN, A. (org.). *Pensar las clases medias*. Buenos Aires: La Crujía, 2003.